

Boletim Semanal* – 29/2020 – 27 de novembro de 2020

FEIJÃO 1ª SAFRA

**Economista Methodio Groxko*

Apesar das chuvas irregulares e pontuais, a cultura do feijão não apresenta problemas que possam comprometer a produção estimada em 298.000 toneladas, nos 148.000 hectares cultivados na safra de 2020/21.

Porém, na opinião dos técnicos, aquelas lavouras implantadas em agosto e início de setembro foram parcialmente afetadas pela estiagem. As lavouras implantadas a partir de segunda quinzena do mês de setembro e outubro, apresentam um aspecto satisfatório.

Atualmente, 78% das lavouras de feijão apresentam condições boas; 20%, médias e apenas 2%, ruins. Estas certamente tiveram o plantio no início de safra. Até o momento, apenas 1% foi colhido, portanto, permanece a estimativa inicial de 298.000 toneladas de produção.

Na última semana, o produtor de feijão de cor recebeu, em média, R\$ 298,00/sc de 60 kg, enquanto o preto estava a R\$ 251,00/sc de 60 kg, alta de 6% e 1%, respectivamente, em relação à semana anterior. Esses preços deverão se estabilizar à medida que a colheita avançar e a oferta do produto aumentar.

FRUTICULTURA - MARACUJÁ

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

As estatísticas mundiais de produção e comercialização do maracujá são datadas e descontínuas. Um estudo de 2010 da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
Divisão de Conjuntura Agropecuária – DCA/DERAL-
Contato: (41) 3313- 4035

– FAO; e outro de 2011, da Agência dos Estados Unidos da América para o Desenvolvimento Internacional – USAID, referenciam a maioria das análises e pesquisas nacionais e internacionais.

Estes relatos, de quase uma década atrás, indicam uma produção de 1,6 milhão de toneladas, sendo o Brasil o principal produtor mundial, responsável por 56,3%, seguido do Equador com 24,1%. Indonésia, Colômbia e Quênia também possuem colheitas expressivas.

Por ser uma fruta exótica tropical, a presença do suco é mais disseminada no comércio internacional, do que a fruta fresca. Na fruticultura brasileira, o maracujá é cultivado em 41,6 mil hectares, sendo a nona fruta em Valor Bruto da Produção – VBP (R\$ 1,2 bilhões), a undécima em área e a décima segunda em volumes colhidos (593,4 mil toneladas), levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, em 2019. (FRUTI/BR 2019: 2,3 milhões de ha; 41,2 milhões de t. e R\$ 36,2 bilhões).

Segundo o Censo Agropecuário 2017, do mesmo Instituto, foram contabilizados 34,7 mil estabelecimentos com cultivo comercial da espécie em todo o país. O consumo médio por habitante/ano é de 0,446 Kg, conforme a Pesquisa de Orçamento Familiar 2018. (POF/IBGE)

A Bahia (28,4%) e o Ceará (24,5%) participam com 52,8% das colheitas nacionais, porém, quando considerado o VBP, o Ceará, com R\$ 326,0 milhões, tem uma precificação melhor de seu produto e lidera o ranqueamento da renda no campo pela fruta, com os pomares baianos gerando R\$ 227,7 milhões.

O Paraná responde por 2,8% da produção brasileira, é o sétimo em VBP, e tem importância

**Reprodução autorizada desde que citada a fonte*

Boletim Semanal* – 29/2020 – 27 de novembro de 2020

nos municípios onde é explorado, pois gera emprego e renda, utilizando mão-de-obra intensiva nas diversas fases do cultivo.

Em 2019, a área colhida foi de 1,2 mil hectares, para uma produção de 17,5 mil toneladas. Nos últimos dez anos houve uma redução de 5,4% na área e colheitas entre 14,0 e 18,0 mil toneladas, com VBP de R\$ 49,9 milhões.

A produção estadual está distribuída nos Núcleos Regionais de Jacarezinho (23,3%), Paranaguá (16,3%), Campo Mourão (11,4%) e Guarapuava (11,1%), com o município de Morretes sendo o principal produtor (11,5%) e Prudentópolis (9,7%) o segundo.

São cerca de 1,1 mil produtores com área média de 0,68 hectares, segundo a Realidade Municipal do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – Iapar-Emater (IDR-Paraná).

Nas Ceasa's/Pr foram comercializadas 4,9 mil toneladas de maracujás em 2019, provenientes principalmente de São Paulo (34,2%), Paraná (28,7%), Bahia (20,8%) e Santa Catarina (14,7%), a um preço médio de R\$ 5,02/quilo

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Com a proximidade de final de ano e da entressafra, observa-se que o ritmo das indústrias de fécula e de farinha começou a diminuir. A colheita da safra 2019/20 já atingiu cerca de 90% dos 148 mil hectares e, ao contrário de outras épocas, um percentual maior de lavouras passará para o ano vindouro, ou seja, mandioca de dois ciclos.

Divisão de Conjuntura Agropecuária – DCA/DERAL-
Contato: (41) 3313- 4035

Também vale lembrar que a colheita da atual safra enfrentou sérios problemas com as estiagens que ocorreram durante vários períodos do ano.

Para a próxima safra de 2020/21, a estimativa do Departamento de Economia Rural-Deral é de 149 mil hectares e uma produção de 3,4 milhões de toneladas de mandioca em raiz. Até o momento, foram plantados aproximadamente 98%, e o restante deverá ser concluído nos próximos dias.

As últimas chuvas nas principais regiões produtoras facilitaram o trabalho de plantio, permitiram a colheita e trouxeram a melhoria para as lavouras que estavam prejudicadas com a estiagem.

Os preços recebidos pelos produtores de mandioca continuaram em queda durante as últimas semanas. Atualmente, o preço médio pago pelas indústrias é de R\$ 438,00/t de mandioca, o que representa uma redução de 11% se comparado à média registrada em outubro, que foi de R\$ 494,00/t. Já os demais produtos da mandioca, como a farinha e a fécula, também sofreram reduções nos preços, porém em percentuais menores.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

Milho 1ª Safra 2020/21

Nesta semana foi apontado que 77% da área plantada está em condições boas, situação ainda favorável para atingir a produtividade média esperada no Estado e demonstrando a recuperação

**Reprodução autorizada desde que citada a fonte*

Boletim Semanal* – 29/2020 – 27 de novembro de 2020

das lavouras quando comparado à semana anterior. A expectativa de produção é de 3,4 milhões de toneladas em uma área total estimada de 355 mil hectares, praticamente a mesma área da safra anterior. As chuvas que ocorreram em novembro ajudaram a mitigar os danos sofridos nas lavouras plantadas no início e também acelerar o plantio, que já está finalizado no Estado. A maioria da área plantada, cerca de 76%, encontra-se em desenvolvimento vegetativo.

Nesta safra, os principais núcleos produtores são Ponta Grossa, Guarapuava, Curitiba e Irati. No relatório desta semana, apresentam condições de lavoura boas para mais de 85% da área cultivada.

As regiões de Cascavel e Francisco Beltrão respondem, cada uma, por aproximadamente 4,8% da área no Estado. As duas regiões apresentam condições de lavouras boas em apenas 40% das áreas, havendo nestas localidades um potencial maior dos impactos da estiagem resultarem em uma menor produtividade.

Resumidamente, pode-se concluir neste momento que, dos 355 mil hectares plantados no Estado, 261 mil ou 73% têm condições favoráveis a uma boa produção. Nessas áreas, acima de 85% apresentam condições boas de desenvolvimento, podendo inclusive superar a produção inicial estimada.

CEVADA

***Engenheiro Rogério César Nogueira**

No mês de novembro se encerrou a colheita da cevada. Houve uma perda de 10% na produção, comparado ao levantamento inicial. A redução foi causada pela estiagem nos meses de julho e agosto, que afetou o ciclo nas fases de floração e frutificação, em que a planta exige um recurso hídrico maior.

Mesmo com essa redução, a produção é excelente. Foram colhidas 261.912 toneladas do grão em uma área de 63.058 hectares. Os produtores estão satisfeitos com o resultado e com a qualidade da produção. Nesta safra, os grãos estão com germinação acima de 95%, classe 1, o melhor padrão para a cevada. Os preços também estão em ótimos patamares, os maiores dos últimos anos. A saca da cevada está sendo comercializada por até R\$ 82,00, valor 37% acima da média de preços de 2019. Até o mês de novembro, 82% dos grãos foram comercializados.

O núcleo de Guarapuava, principal produtor de cevada do Estado, alcançou 167.640 toneladas, o que representa 64% da produção estadual, em uma área de 38.100 hectares. Este ano os produtores da região aumentaram em 10% a área de cultivo do grão, animados pelo fomento da Cooperativa Agrária, e pela alta dos preços. O núcleo de Ponta Grossa obteve uma produção de 66.253 toneladas em uma área de 16.988 hectares, sendo responsável por 25% de toda a produção do Paraná.

O ano de 2020 foi muito bom para a cultura: apesar de uma pequena perda, os resultados a

Boletim Semanal* – 29/2020 – 27 de novembro de 2020

campo foram satisfatórios, produzindo grãos com ótima qualidade e preços atraentes para o produtor.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

O Departamento de Economia Rural divulgou esta semana o relatório mensal de acompanhamento de safras referente a novembro. As informações enviadas pelos técnicos de campo do Deral apontam que já foram semeadas aproximadamente 97% da área, o que equivale a 5,42 dos 5,56 milhões de hectares previstos para a safra 2020/21. No campo, 72% das lavouras estão em condições boas; 24%, médias e 4%, ruins.

A estimativa de produção é de 20,5 milhões de toneladas, volume aproximadamente 1% inferior ao obtido no ciclo 2019/20. A comercialização até o momento é de aproximadamente 8,7 milhões de toneladas, o que equivale a 42,5%. No mesmo período do ano passado, a quantidade comercializada era de 4,4 milhões de toneladas, ou 22,3%.

De uma forma geral, os técnicos de campo destacam que dificilmente o Paraná obterá um resultado como o conseguido na safra anterior. O clima seco que castiga as lavouras, desde o início dos trabalhos de semeadura, deve afetar os resultados deste ciclo.

Segundo os técnicos de campo, na Região Oeste do Estado já foram efetuados alguns trabalhos de replantio ocasionados pela desuniformidade das lavouras implantadas. Os replantios só não foram em uma maior quantidade,

devido à falta de tempo quando se projeta a segunda safra de milho 2020/21. Em outros casos os produtores optaram por não arriscar investir novamente e verem frustradas as expectativas com relação à ocorrência de chuvas. Outro ponto levantado pelos técnicos é que alguns produtores não conseguiram o fornecimento do material (sementes) desejado para realizar os retrabalhos.

De uma forma geral, algumas reduções de produtividade podem ocorrer, mas como a soja é uma cultura de ciclo relativamente longo, e com a ocorrência de chuvas mais regulares, a maior parte das lavouras tem condições de se recuperar e garantir uma safra dentro da estimativa inicialmente projetada.

TRIGO

**Engenheiro Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

O Deral apresentou nesta quinta-feira (26) os dados de safra atualizados para novembro. A produção mostrou uma leve retração em relação ao estimado no mês de outubro, totalizando 3,05 milhões de toneladas. Este volume é 17% menor que o potencial estimado para o Estado (3,7 milhões). Porém, é 43% superior à produção obtida em 2019, quando a seca e as geadas foram ainda mais prejudiciais.

Com a produção definida, dado que a colheita chegou a 100% nesta semana, as atenções agora se voltam para a comercialização. Do volume produzido, 72% já estão comercializados, o maior patamar dos últimos 15 anos para o mês de novembro. Esta rara liquidez veio acompanhada de preços que renovaram a máxima em termos nominais, e a média de novembro deve ficar em

Boletim Semanal* – 29/2020 – 27 de novembro de 2020

torno de R\$ 75,00 a saca, pelo menos 60% maior que a média de novembro de 2019, de R\$ 45,83.

A rápida comercialização preocupa para os meses de entressafra, pois, quando o produto local acabar, haverá necessidade de intensificar as importações em valores superiores aos praticados internamente. Tanto o câmbio quanto o preço internacional do trigo caíram em novembro, porém ainda estão em patamares elevados, gerando apreensão à indústria dadas as incertezas da demanda no varejo.

PECUÁRIA

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Impactos da Estiagem na Cadeia Pecuária de Bovinos de Corte e Leite

No ano de 2020, a estiagem atingiu todas as regiões do Estado do Paraná, prejudicando lavouras e pastagens, afetando a produção pecuária e impactando nos custos de produção.

Pecuária de Corte

Na pecuária de corte, as maiores regiões produtoras foram consequentemente as mais afetadas, entre elas Umuarama e Paranavaí, além de outras regiões importantes como Ortigueira (Núcleo Regional de Ponta Grossa), Guaraniaçu (NR de Cascavel), Londrina, Maringá e outras.

A seca, que já estava ocorrendo desde os meses de maio e junho, atrasou o plantio das pastagens de inverno (aveia e azevém) e,
Divisão de Conjuntura Agropecuária – DCA/DERAL-
Contato: (41) 3313- 4035

consequentemente, a engorda dos animais. Além disso, os pecuaristas que não estavam precavidos contra falta de pastagem com silagem, feno ou outros tipos de alimentos estocados, tiveram que lançar mão de outras alternativas de alimentação (compra de alimento), justamente em um ano em que a saca de milho e soja atingiu altos patamares de preços.

A mesma estiagem que atrapalhou o desenvolvimento das forrageiras de inverno, continuou prejudicando a brota e o plantio das pastagens de verão, que acontecem entre agosto a novembro, onerando mais ainda os custos com a alimentação dos bovinos.

A menor oferta, devido à engorda retardada pela seca, somada aos altos custos de produção, juntamente com o aumento considerável das exportações de carne bovina (o volume exportado cresceu 9% de janeiro a outubro de 2020, em relação a igual período do ano de 2019), foram os gatilhos para as altas observadas no valor da arroba.

Pecuária de Leite

Na cadeia leiteira, a situação foi semelhante à que ocorreu na pecuária de corte: atraso no plantio e desenvolvimento das pastagens e custos de produção em alta. Entretanto, na cadeia leiteira, a situação ainda é mais crítica, devido ao fato da resposta negativa da vaca leiteira mal alimentada ser mais rápida, ou seja, a queda da produção é imediata.

Além disso, quase a totalidade do rebanho leiteiro paranaense é suplementado de alguma

*Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Boletim Semanal* – 29/2020 – 27 de novembro de 2020

forma, em menor ou maior escala (ao contrário da pecuária de corte, em que os animais confinados no Paraná representam menos de 5% do total do rebanho), fato que onerou substancialmente os custos com a alimentação, achatando a renda dos produtores, que, ao invés de obterem uma maior rentabilidade com os melhores preços, usaram a receita extra para pagar os altos custos da produção.

Levando-se em conta que a atividade leiteira é desenvolvida nos 399 municípios paranaenses, a estiagem prejudicou em maior ou menor intensidade todas as regiões. As mais afetadas em termos de pastagens são as que trabalham com sistemas mais extensivos, como as regiões Noroeste, Norte e parte da Sudoeste, entre outras. Estas regiões, onde os produtores têm a base da alimentação nas pastagens, tiveram que acrescentar suplementação aos seus rebanhos para manter a produção.

Por outro lado, as regiões mais tecnificadas e que trabalham em sistemas mais intensivos, como o Oeste, Centro-Oriental e parte da Sudoeste, também sofreram com a estiagem. Mesmo não dependendo totalmente das pastagens como principal fonte de alimentação das vacas leiteiras, a alta dos grãos (soja e milho) encareceu consideravelmente a ração, insumo que representa em torno de 40% do total dos custos da atividade leiteira.

MEL

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

Produção nacional de mel cresceu 9,5% em 2019, chegando a 45.981 toneladas.

Segundo o IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), a produção nacional de mel em 2019 foi de 45.981 toneladas, 8,5% maior que a produção total de 2018, que foi de 42.378 toneladas. Em 2017, a produção nacional foi de 41.696 toneladas. Por estes números do IBGE (PPM-2019), a produção paranaense de mel foi de 7.229 toneladas (14,6% sobre o ano-safra 2018, cuja produção foi de 6.307 toneladas).

Exportação nacional cresceu 58,7% em relação a 2019, alcançando 38.128 toneladas

Segundo Agrostat Brasil, de janeiro a outubro de 2020, o Brasil exportou 38.128 toneladas de mel *in natura*, volume 58,7% maior do que o obtido em 2019 (24.025 toneladas). O faturamento em dólares foi de US\$ 78,041 milhões, 39,6% a mais que em igual período de 2019 (US\$ 55,892 milhões). O preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 2.046,83/tonelada (US\$ 2,05/Kg), 12,02% a menos que o valor médio de igual período do ano de 2019 (US\$ 2.326,40/tonelada / US\$ 2,47/Kg).

O Paraná (3º lugar) é um dos três estados que se destacam em 2020 na exportação de mel *in natura* (receita cambial: US\$ 15,750 milhões, volume: 8.238 toneladas e preço médio: US\$ 1,91/kg), com crescimento de 35,7% no volume exportado e 20,0% no faturamento.

Nesse período, Santa Catarina é o estado que ocupa a primeira colocação (US\$ 19,356 milhões, 9.030 toneladas e US\$ 2,14/kg). Em

*Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Boletim Semanal* – 29/2020 – 27 de novembro de 2020

segundo lugar está o Piauí (US\$ 16,940 milhões, 8.487 toneladas e US\$ 2,00/kg); na 4ª colocação, o estado de São Paulo (US\$ 11,456 milhões, 4.463 toneladas e US\$ 2,10/kg); e na 5ª, o estado de Minas Gerais (US\$ 3,174 milhões, 1.479 toneladas e US\$ 2,15/kg).

O principal destino para o mel brasileiro em 2020 continua sendo (75,6% de todo volume exportado até outubro de 2020) os Estados Unidos da América (EUA): volume de 28.806 toneladas, receita cambial de US\$ 57,018 milhões e preço médio de US\$ 1,98/kg. Um crescimento de 48,4% sobre o volume exportado em 2019 (19.409 toneladas) e de 28,0% sobre o faturamento (US\$ 44,533 milhões).

Os outros principais países importadores do mel brasileiro, em 2020, foram (volume, faturamento, preço médio): Alemanha (4.652 toneladas / US\$ 11,241 milhões / US\$ 2,31/kg), Austrália (1.477 toneladas / US\$ 2,934 milhões / US\$ 1,99/kg), Canadá (969 toneladas / US\$ 1,999 milhões / US\$ 2,06/kg), Bélgica (651 toneladas / US\$ 1.383 milhões / US\$ 2,12/kg), Reino Unido (383 toneladas / US\$ 749.721 / US\$ 1,96/kg), Países Baixos (464 toneladas / US\$ 1,014 milhão / US\$ 2,19/kg) e Dinamarca (192 toneladas / US\$ 430.209 / US\$ 2,24/kg).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

[https://instagram.com/deral_pr](https://www.instagram.com/deral_pr)

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!